

Andréa Chagas

Universidade Federal do

Mato Grosso – UFMT

E-mail:

andreabasiliochagas@gmail.com

Bruno Araújo

Universidade Federal do

Mato Grosso – UFMT

E-mail:

bruno.araujo@ufmt.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

O 8 de Janeiro e a Destra do Altíssimo: O sagrado e a extrema direita em imagens da intentona bolsonarista no Brasil

*The January 8th and the Right
Hand of the Most High:
The sacred and the extreme right
in images of Bolsonaro attempt in
Brazil*

*El 8 de enero e La Diestra Del Altísimo:
Lo sagrado y la extrema derecha en
imágenes del atentado de Bolsonaro en
Brasil*

Basílio da Silva Chagas, A. (2025). O 8 de Janeiro e a Destra do Altíssimo: O sagrado e a extrema direita em imagens da intentona bolsonarista no Brasil . *Revista Eco-Pós*, 28(3), 579–603. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i3.28194>

RESUMO

O trabalho tem por objetivo estudar a comunicação político-religiosa que compõe o populismo de extrema direita do bolsonarismo. A partir das imagens da intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 que circularam na internet e compuseram a cobertura jornalística, argumentamos que o evento demonstrou o uso da fé e do sagrado como ferramentas de comunicação e propaganda política, mobilizadas para chancelar rupturas com os valores democráticos. Trama feita a partir da captura do discurso religioso e da imbricação com a militância bolsonarista. A análise é conduzida com base na teoria ator-rede (TAR) e nos estudos da tecnoestética de Simondon ([1954] 1992), que permitem identificar, no ocorrido em Brasília, um arranjo cívico-religioso que divide o Brasil e eleva o *cristão* à condição de herói ultranacionalista, de *cidadão de bem* ou de soldado em guerra contra o mal, identificado, na retórica bolsonarista, com os comunistas e as esquerdas.

PALAVRAS-CHAVE: *populismo de extrema-direita; bolsonarismo; tecnoestética; 8 de janeiro; comunicação político-religiosa.*

ABSTRACT

The objective of this study is to examine the political-religious communication that constitutes the far-right populism of Bolsonarism. Based on the images of the Bolsonaro-inspired January 8, 2023, uprising that circulated online and were featured in journalistic coverage, we argue that the event demonstrated the use of faith and the sacred as tools of communication and political propaganda, mobilized to legitimize ruptures with democratic values. This dynamic is built on the appropriation of religious discourse and its entanglement with Bolsonaro's militant base. The analysis is conducted through the lens of actor-network theory (ANT) and Simondon's ([1954] 1992) studies on techno-aesthetics, which allow us to identify, in the events that took place in Brasília, a civic-religious arrangement that divides Brazil and elevates the Christian to the status of an ultra-nationalist hero, a righteous citizen, or a soldier engaged in a war against evil—identified in Bolsonaro's rhetoric with communists and the left.

KEYWORDS: *far-right populism; bolsonarism; technoaesthetics; January 8; political-religious communication.*

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar la comunicación político-religiosa que compone el populismo de extrema derecha del bolsonarismo. A partir de las imágenes de la intentona bolsonarista del 8 de enero de 2023, que circularon en internet y formaron parte de la cobertura periodística, argumentamos que el evento demostró el uso de la fe y lo sagrado como herramientas de comunicación y propaganda política, movilizadas para legitimar rupturas con los valores democráticos. Esta dinámica se construye a partir de la apropiación del discurso religioso y su entrelazamiento con la militancia bolsonarista. El análisis se lleva a cabo a través de la teoría del actor-red (TAR) y los estudios sobre tecnoestética de Simondon ([1954] 1992), que permiten identificar, en los sucesos de Brasilia, un arreglo cívico-religioso que divide a Brasil y eleva al cristiano a la condición de héroe ultranacionalista, ciudadano de bien o soldado en guerra contra el mal, identificado en la retórica bolsonarista con los comunistas y la izquierda.

PALABRAS CLAVE: *populismo de extrema derecha; bolsonarismo; tecnoestética; 8 de enero; comunicación político-religiosa.*

Submetido em 10 de janeiro de 2024.

Aceito em 04 de abril de 2024.

Introdução

A intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 foi um acontecimento crítico, gestado desde antes das eleições e nutrido por uma comunicação sistemática, que se utilizou da internet e até de meios de comunicação jornalísticos. Uma série de episódios de viés autoritário, orquestrados com o intuito de desestabilizar o governo recém-empossado, subverter a ordem e reconduzir a extrema direita, derrotada eleitoralmente, ao poder. Nesse atentado à democracia, milhares de pessoas¹ saíram de suas casas para lutar contra *o comunismo, por Deus, pela Pátria e pela Família*, insufladas por um discurso que visava provocar pânico, como a alegação de fraude nas urnas eletrônicas — algo provado como falso — e as acusações de que Luiz Inácio Lula da Silva e a esquerda seriam um tipo de mal encarnado, um perigo para os cristãos e suas famílias.

Mais do que uma aliança entre políticos, grupos e líderes religiosos, o bolsonarismo mesclou suas pautas políticas com leituras cívico-religiosas do mundo. Mais do que tomar a internet e as mídias sociais como espaços privilegiados, a comunicação bolsonarista fez de cada bandeira nacional e de cada brasileiro com as cores verde e amarela uma manifestação partidária e peça de propaganda. *Deus*, um actante sequestrado pelo movimento, tornou-se estandarte de pureza e poder, inscrição invisível em toda a comunicação bolsonarista.

Com o objetivo de estudar a comunicação político-religiosa que compõe o populismo de extrema direita na atualidade, a partir do caso brasileiro, debruçamo-nos sobre um dos acontecimentos mais singulares da história recente do Brasil: a intentona bolsonarista de 8 de janeiro e seus atravessamentos religiosos. A partir de imagens que circularam na internet e compuseram a cobertura jornalística da tentativa de golpe, o trabalho identifica diversos actantes do evento, que são *habitantes comuns* do cristianismo, e integraram os atos em Brasília (DF), em uma performance pretensamente política. A hipótese com a qual trabalhamos é a de que o 8 de janeiro se configura, simultaneamente, como um arranjo político-religioso, em que se inscreveram pautas importantes do bolsonarismo, e um arranjo comunicacional, constituído de performances, mediações, agências e potências tecnoestéticas, as quais buscaremos examinar.

¹ Segundo reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

As imagens aqui estudadas possuem duas origens de captura: ou circularam em grupos de WhatsApp, na ocasião dos acontecimentos, ou foram coletadas, *a posteriori*, na internet, especificamente em quatro canais do Youtube que abordaram os eventos. Seleccionamos dois canais de notícias, um ligado à mídia tradicional – o canal da *BBC News Brasil*² –, e outro ligado à mídia independente – o *Meteoro Brasil*³. Incluímos, ainda, dois canais evangélicos: *Dois dedos de Teologia*⁴, que fez um programa com duras críticas ao ocorrido, enquanto reafirmava seu alinhamento à direita; e o canal da Igreja Primitiva⁵, que somente publicou um vídeo de oração. Esses dois canais religiosos, cujas imagens foram usadas neste estudo, foram escolhidos não só porque guardavam em si conteúdo profundamente relevante para a análise, mas também porque tivemos contato com seu material ou fragmentos dele através de imagens e links compartilhados em grupos de WhatsApp⁶, nos dias que se seguiram à intentona.

Conduzimos a análise dos materiais empíricos com base na Teoria Ator-Rede (TAR) e nos estudos das potências estéticas das técnicas, trabalhadas por Simondon ([1954] 1992). Igualmente, analisam-se as imagens com base na comunicação em performance, inspirada na obra de Latour (2004a). O objetivo do estudo empírico é mapear, qualitativamente, os actantes construídos nas imagens, procurando compreender a rede político-religiosa presente nos eventos golpistas. Nesse sentido, adotando as diretrizes metodológicas da teoria ator-rede, seguimos os actantes religiosos do 8 de janeiro, considerando-se, entre eles, bíblias, orações, testemunhos, pregações, cultos, joelhos dobrados, mãos erguidas aos céus etc.

Em termos metodológicos, observamos os eventos golpistas como acontecimentos que dão origem a uma rede sociomaterial, composta por actantes humanos e não humanos, que atuam e performam em associação, sem hierarquias prévias (Latour, 2012). Desse modo,

² BBC News Brasil, nos vídeos: Documentário BBC | 8 de Janeiro: o dia que abalou o Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MxciQQRUMNk&t=17s>. e Brasil Partido: Pastores bolsonaristas mobilizam fiéis com supostas profecias e revelações divinas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6oLuCBWxN_k&t=863s. Acesso em: 1 jun. 2023.

³ Canal Meteoro Brasil: Como ocorreu o ataque aos Três Poderes: <https://www.youtube.com/watch?v=8towK35Akiw&t=634s>. Como evangélicos se tornaram radicais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=afd0KAgihCc&t=263s>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁴ Canal Dois dedos de Teologia: vídeo O Cristianismo deturpado dos atos violentos de Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S3AS9Ksnydc&t=681s>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁵ Canal A Igreja Primitiva, vídeo Evangélicos bolsonaristas cantam e oram durante a invasão do Congresso Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWqKWoxsgQA>. Acesso em: 1 jun. 2023.

⁶ Agradecemos aos colegas, que também compartilharam imagens e links, relativos à comunicação político-religiosa da extrema direita, encontradas em suas redes de WhatsApp.

observamos a tentativa de golpe por meio das imagens disponibilizadas — muitas vezes em tempo real, pelos próprios bolsonaristas — como uma trama em pleno fluxo (Latour, 2004a), que nos permite compreender o social, a partir de suas dinâmicas e controvérsias (Barbosa, 2019). Como um *fio de Ariadne* que cruza, com fluidez, o online e o offline (Coelho; Azambuja, 2015), tal movimento metodológico proporciona aos pesquisadores o estudo dos fluxos a partir de um olhar próximo. Tal proximidade significa que o analista escrutina o evento quase de dentro, com um acompanhamento conseguido não pelo espiar furtivo, como em um *buraco de fechadura*, mas por uma observação consentida e desejada, uma espécie de convite à participação.

Essa perspectiva nos permite mapear, de modo qualitativo, mediações, associações e performances, tal como proposto por Latour (2004b), além de analisar as gamas tecnoestéticas e as potências sensoriais, como proposto por Simondon (1992 [1954]), não somente por um olhar de fora, panorâmico — como um registro feito pela imprensa ou pelas câmeras de segurança —, mas por meio da captura da interação entre as imagens, de dentro e de fora, postas em circulação por bolsonaristas e não bolsonaristas.

Como consequência, os actantes são seguidos, neste texto, a partir de distintos carregamentos (Latour, 2004a), buscando compreender-se os arranjos político-religiosos dos fragmentos imagéticos, à luz do que Latour (2008) chama de *cascata de imagens*, por meio da qual um conjunto de imagens, tomadas num *continuum*, são capazes de contar uma história (Chagas, 2021). É com base nessa articulação teórica e metodológica que buscamos identificar e examinar o corpo religioso da intentona bolsonarista de 8 de janeiro em Brasília, suas performances e agências comunicacionais.

1 A mão da extrema direita

O arcabouço teórico aqui mobilizado permite compreender o bolsonarismo como um arranjo profundamente tecnoestético. Entre bandeiras, bíblias, fardas, cruzeiros e armas, a comunicação bolsonarista atua calcada em afetações tecnoestéticas e feixes sensoriais (Simondon, [1954] 1992), em gamas tecnoestéticas muito presentes também na comunicação religiosa, sobretudo naquela atravessada por inspirações carismáticas (Chagas, 2021). Por isso, mais do que um movimento ultradireitista, tradicional ou monolítico, o bolsonarismo atua de

forma muito maleável, adequando-se a cada grupo, com múltiplas performances de populismo de extrema direita (Araújo; Prior, 2021).

Desde a eleição de 2018, o bolsonarismo tem se valido da estética e de falas religiosas para compor a sua comunicação dentro de um regime de enunciação político-religioso, aspecto que se provou importante, já que o apoio de grupos religiosos conservadores foi essencial para a eleição de Bolsonaro e para manutenção de sua base política. Nosso argumento neste trabalho é de que mais do que uma rede de sustentação política, a intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 demonstrou a radicalização de alguns grupos e o uso da fé e de discursos religiosos como ferramentas de comunicação, para insuflar a ruptura com os valores democráticos, como apontam as muitas falas religiosas feitas por manifestantes presos após a tentativa de golpe. Destaca-se a fala de um manifestante, para quem, se fizesse algo contra Lula, iria para o céu (Feitoza, 2023), o que evidencia o alcance do atravessamento entre política e religião no bolsonarismo, como discutiremos a seguir.

As eleições presidenciais de 2022 marcaram a história nacional não só pela acirrada disputa entre direita e esquerda — algo que, no Brasil, tem contornos muito próprios —, mas pelos ataques à democracia que aconteceram antes, durante e após o pleito. A disputa, ocorrida em dois turnos, em outubro e novembro do mesmo ano, se deu no fim do primeiro (e único) mandato de Jair Messias Bolsonaro. O líder da extrema direita, ex-militar e entusiasta da ditadura cívico-militar, ocorrida entre 1964 e 1985, enfrentou Luiz Inácio Lula da Silva, ex-sindicalista, ex-presos político e um dos mais expressivos líderes da esquerda latino-americana.

Assim como o pleito ocorrido em 2018, as eleições de 2022 foram marcadas pelo uso expressivo da internet, redes sociais e pela profusão de conteúdos desinformativos, feitos e disseminados por uma *máquina de desinformação* montada pela extrema direita (Borges, 2022). O mecanismo ultradireitista, reproduzido em outras partes do mundo, teve como um de seus alvos preferenciais a integridade e a confiabilidade das urnas eletrônicas e de todo o sistema eleitoral brasileiro (Melo; Soprana; Galf, 2022). Um tipo de ataque à democracia, que se iniciou antes mesmo da primeira eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018 (Ribeiro; Menezes, 2022). Naquela ocasião, após o episódio da facada em Bolsonaro, ainda no hospital, o então candidato colocou em xeque a lisura das urnas eletrônicas, afirmando que só perderia a disputa presidencial se houvesse fraude.

Essas afirmações, que afrontam o sistema eleitoral do país, foram repetidas, várias vezes, ao longo do mandato presidencial de Bolsonaro. Constituiu uma rede massiva de propaganda populista, segundo a qual o bolsonarismo representaria o povo de bem, vítima das esquerdas e de um sistema político corrupto que seria a própria personificação do mal. A campanha de desinformação continuou mesmo após os resultados eleitorais que deram vitória a Lula em 2022. É preciso ter claro, como aponta Marie Santini, em entrevista à GloboNews (2022), que a extrema direita contemporânea possui, como estratégia comunicacional, uma *campanha permanente* de desinformação e produção de *fake news* (Santini, 2022)⁷. Trata-se de uma máquina de mentiras, teorias da conspiração e revisionismo histórico voltada, entre outras pautas, para o ataque a instituições, minorias sociais e grupos vulnerabilizados, com o fim de disseminar pânico e ódio. Esse entendimento reacionário não só alicerça a comunicação bolsonarista, como parece importante motivador dos eventos de 8 de janeiro e o seu entorno.

Com o fim das eleições de 2022 e a derrota de Bolsonaro nas urnas, acontecimentos de viés autoritário se proliferaram pelo país. Em vários estados, grupos bolsonaristas foram às ruas para questionar os resultados, com pedidos de *intervenção militar* ou *intervenção federal*. Pediam um golpe militar com roupagem pretensamente constitucional, como exemplifica a fala de um manifestante bolsonarista, publicada pela revista *Piauí*: *não queríamos um golpe*, disse o homem, *queríamos algo dentro da Constituição*, repetindo a equivocada versão de que o art. 142 da Constituição daria aos militares um poder moderador na República (Costa, 2023).

Logo após o fim das eleições, bolsonaristas começaram a bloquear estradas e queimar pneus, como forma de dificultar a circulação de pessoas e mercadorias, tentando instaurar a desordem e causar uma ruptura democrática no país. Entre pedidos de intervenção militar, e contando com a omissão do estado, bolsonaristas faziam aglomerações, protestos e acampamentos em frente aos quartéis, em um movimento que, segundo eles, duraria 72 (setenta e duas) horas, mas que se esticava, semana após semana, tensionando as relações institucionais e políticas. Enquanto isso, nos acampamentos, os manifestantes eram nutridos com refeições doadas por patrocinadores do movimento, além de protagonizarem celebrações religiosas,

⁷ GloboNews. Entrevista de Laís Borges, Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

discursos golpistas e uma profusão de conteúdos desinformativos. Com o passar do tempo e a aproximação da posse do novo governo, em janeiro de 2023, o país assistiu a um recrudescimento das tensões e a uma sucessão de atos de terror, destruição e vandalismo, como a tentativa de explosão de uma bomba no aeroporto de Brasília, na véspera de Natal.

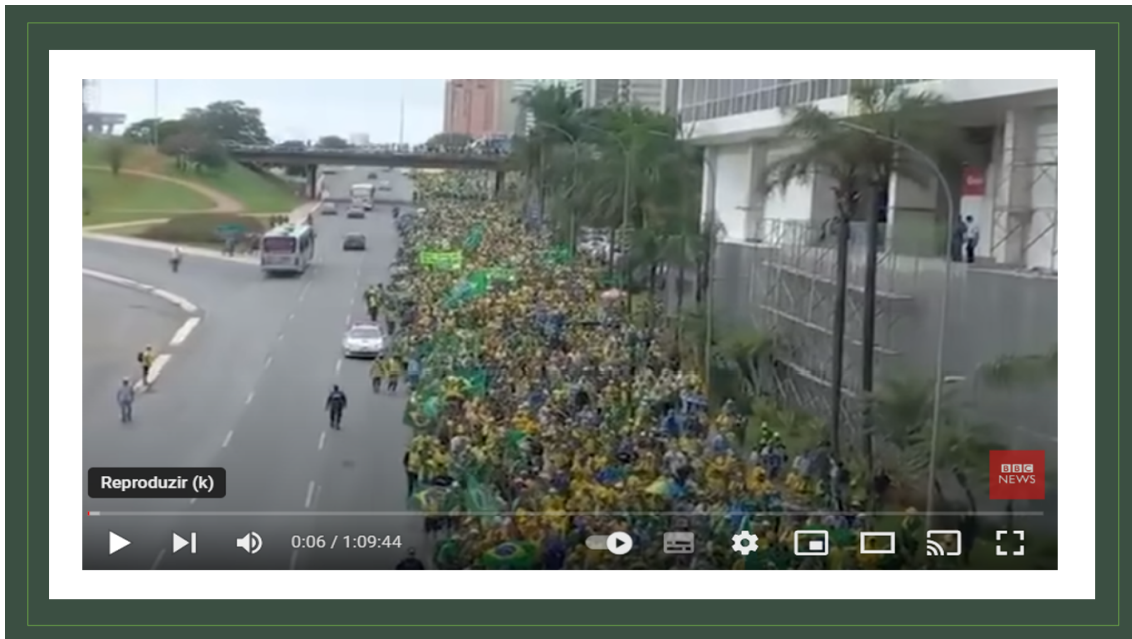
2 A Intentona

O 8 de janeiro de 2023, início da tarde de um domingo, em Brasília. Uma legião de bolsonaristas deixa o acampamento em que estava, em frente ao quartel do exército, e segue rumo à Praça dos Três Poderes, a sede dos poderes da República. Entre eles, havia pessoas de todas as idades, de várias partes do Brasil, algumas já acampadas há muito tempo defronte ao Quartel do Exército, outras recém-chegadas a Brasília, em caravanas, que, segundo indicam alguns bolsonaristas evangélicos, presos após a tentativa de golpe, poderiam ter sido mobilizadas por igrejas evangélicas apoiadoras do ex-presidente⁸.

Na diversidade dos corpos, a multidão parecia ser composta, na sua maioria, por pessoas brancas. Uma percepção construída a partir da exploração das imagens, mas não pontuada ou debatida como as demais informações que descreviam a massa. Algo que, para o pesquisador Ricardo Santos, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFBA), fala muito sobre o imaginário político a respeito da negritude no Brasil e sobre a leitura dos golpistas feita pela mídia, assim como também fala do tratamento policial aos manifestantes durante e depois das prisões (Santos, 2023). Para o autor, a falta de divulgação ampla do perfil racial dos envolvidos na intentona desvela um imaginário social que distingue, de forma peculiar, *vândalos* e *criminosos* pela cor da pele (Nazário, 2023; Santos, 2023).

Unidos em cortejo, como mostra a Figura 1, os manifestantes avançavam até a Esplanada dos Ministérios, escoltados pela polícia, a maioria trajando as cores nacionais. Nas mãos, era possível ver bandeiras; nas vozes, palavras de ordem e cantos que entoavam, pelo menos em parte do trajeto, o lema fascista do integralismo brasileiro: *Deus, Pátria e Família*, acrescido da palavra liberdade (Meteoro Brasil, 2023; BBC News Brasil, 2023).

⁸ Disponível em: <<https://youtu.be/V8k7h0sglZk>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

Figura 1 - Deus, Pátria e Família

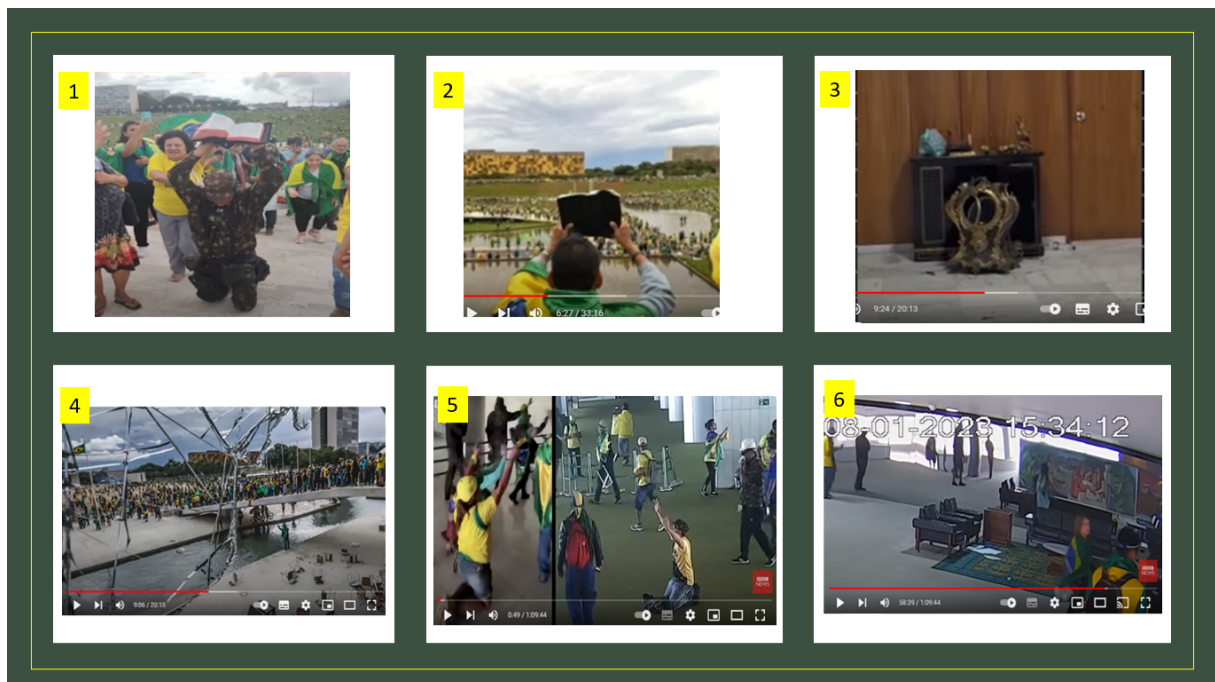
Fonte: BBC News Brasil⁹.

Ao chegar à Praça dos Três Poderes, como mostram as imagens exaustivamente expostas pela televisão e na internet, a multidão rompeu as barreiras da Praça dos Três Poderes, tomou o gramado e invadiu os palácios, sem, pelo menos em princípio, receber a efetiva resistência das forças policiais. Como podemos verificar no mosaico que compõe a Figura 2, ao entrar nos prédios, em meio ao terror da destruição do patrimônio público, via-se uma multidão que protagonizava uma *dança* entre humanos e técnicas, um autêntico arranjo tecnoestético com imagens de bíblias erguidas e abertas, alçadas aos céus¹⁰. Além disso, vemos imagens de obras de arte, antiguidades e janelas linchadas, despedaçadas a pauladas. Trata-se de um abraço semiótico-material que expõe hierarquias e aponta os atores e pensamentos, além das agências que, para o grupo de fanáticos, têm o direito de existir e de morrer.

Figura 2 – A invasão dos prédios dos três poderes

⁹ Nota: Captura de tela - fragmento do Documentário da BBC NEWS BRASIL: BBC | 8 de Janeiro: o dia que abalou o Brasil.

¹⁰ Imagens vistas no canal Dois Dedos de Teologia, no programa: *O Cristianismo Deturpado*.

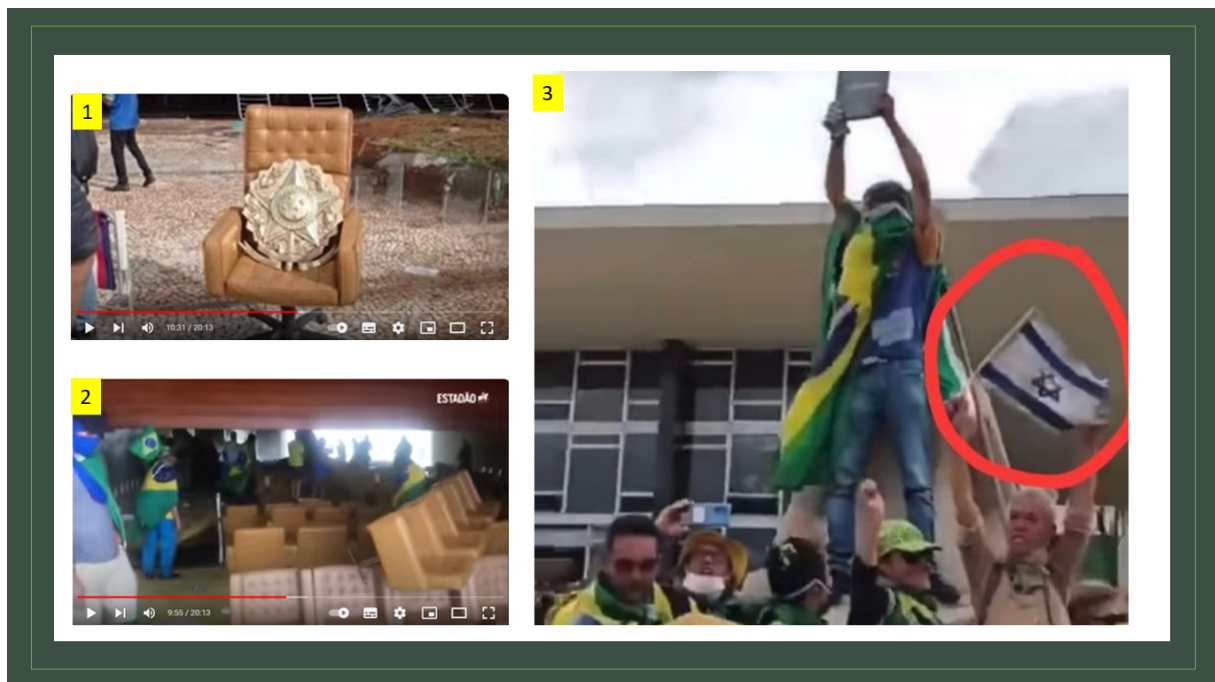


Fonte: Elaboração dos autores¹¹.

Na Figura 3, temos uma foto que circulou no aplicativo *WhatsApp*, na qual se vê uma bandeira de Israel destacada, em meio ao mar de verde e amarelo. Esse é um actante político-religioso de relevo para o bolsonarismo, apropriado pela extrema direita, como em tantas outras manifestações, vistas e analisadas em trabalho anterior (Chagas, 2021). Da mesma forma, a imagem foi usada, muitas vezes, como marcador de neorestauracionismo e purismo cristão, além de um tipo de filo-judaísmo, que se chocava com a depredação das poltronas da corte, uma obra de Jorge Zalszupin, sobrevivente do holocausto (Figueiredo, 2023).

Figura 3 - Mosaicos de imagens: Israel imaginário no Bolsonarismo

¹¹ Elaboração própria partir dos materiais coletados. A figura é composta por 6 imagens. Imagens 1 e 2 respectivamente - Homem erguendo a bíblia na rampa do palácio e Homem erguendo a bíblia para os invasores - recortadas do vídeo, O cristianismo deturpado dos atos violentos de Brasília, Canal: Dois Dedos de Teologia. Imagens 3 e 4 respectivamente - Relíquia histórica quebrada e Janela quebrada - recortada do vídeo, Como Ocorreu o Ataque aos Três Poderes do canal: Meteoro Brasil. Imagens 5 e 6 respectivamente - Pessoas orando durante a invasão e Obra de arte, sendo destruída durante a invasão - captura do vídeo, Documentário BBC | 8 de janeiro: o dia que abalou o Brasil da BBC News Brasil.



Fonte: Elaboração própria¹².

Na mesma imagem que continha a bandeira de Israel, o grupo parecia celebrar uma vitória. Filmava-se com celulares, junto à estátua da justiça, na frente do Supremo Tribunal Federal (STF), a imagem de uma réplica da Constituição, furtada pelos extremistas e erguida como troféu. Vemos aí uma parte amputada do corpo da democracia, um coração exposto à sanha de pessoas que se portavam como linchadoras e pareciam se entender como justiceiras, prontas para reescrever as leis à sua imagem e semelhança.

Tais imagens podem ser compreendidas a partir da comunicação ultrarreligiosa que sempre marcou o bolsonarismo. Já o *slogan* da campanha do líder da extrema direita — *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos* — buscava associar Bolsonaro à figura de Deus e parecia tentar conectar a imagem daquele à figura do militar forte e altruísta, em um resgate do lema nacionalista da ditadura brasileira que possui fortes conexões com o lema nazista: *Alemanha acima de tudo* (Cunha, 2022). A tudo isso, somava-se a alusão a Deus, desenhando a forma de um

¹² Elaboração própria, com base em materiais coletados. Imagens 1 - Cadeira do STF, projetada pelo arquiteto e designer Jorge Zalsupin, sobrevivente do holocausto, vandalizada e 2- Cadeiras do STF sendo vandalizadas - recortada do vídeo, como ocorreu o ataque aos três poderes do canal: Meteoro Brasil e imagem 3 - Bandeira de Israel sendo erguida por bolsonaristas – imagem recebida em grupo de WhatsApp. Imagem

líder submisso e obediente à figura de um “Deus cristão”, poderoso e universal, passando pelo enfático apelo a pautas morais e ao uso de toda uma estética religiosa.

Desde o início da campanha, Bolsonaro aparecia próximo de artefatos religiosos: quadros, imagens, livros e símbolos sagrados. Ele chegou a batizar-se com um pastor no Rio Jordão, apesar de haver se declarado católico. Na sua campanha, fez uso frequente de *Menorahs*, um dos mais importantes símbolos do judaísmo, bandeiras de Israel, estrelas de Davi etc. Tais elementos da cultura e da religião¹³ judaicas são apropriados pelo neorestauracionismo bolsonarista e usados como marcadores de purismo e primitivismo cristão. De igual forma, as menções a Deus e à Bíblia, entre outros elementos da sacralidade e do vocabulário cristãos, sempre foram frequentes na comunicação bolsonarista. Ora como artefato mobilizador de afetos, ora como mecanismo de pertencimento e marcador de território ideológico, sendo utilizado também, muitas vezes, como estratégia de santificação da causa e da figura do líder Bolsonaro. É o que podemos observar na frequente alusão do ex-presidente à sua recuperação da facada como um tipo de milagre, de ressurreição messiânica, e à sua eleição como uma missão divina.

Deus, pátria, família. O Brasil tem tudo para ser uma grande nação. Eu acredito em milagre, tive o primeiro em setembro de 2018, e depois em outubro, que foi quase um milagre uma eleição de quem quase nada tinha, levando-se em conta a forma tradicional que se fazia política. Nós tínhamos mais do que o povo ao nosso lado, tínhamos aquele que nos colocou na Terra. E mais do que nunca agora, a fé de todos nós, conduzirá o Brasil a um porto seguro, finalizou Bolsonaro¹⁴.

Também podemos observar a mesma mensagem na fala de Michelle Bolsonaro ainda na condição de primeira-dama. Como mostra um trecho destacado do site Congresso em Foco, Michele opera um tipo de propaganda que vende seu marido como um Messias. Tal discurso tende a ser ainda mais legitimado diante do fato de ser enunciado por uma legítima evangélica (Mendes; Sandy; Lago; Vanessa Lippelt, 2022).

Essa campanha, mais uma vez, é um milagre de Deus. Começou em 2019, quando Deus fez o milagre na vida do meu marido, porque aqueles que pregam o amor e a pacificação atentaram contra a vida dele. Mas Deus é maior, e a justiça do

¹³ Apesar de toda pluralidade judaica, o termo *cultura/religião* é usado neste trabalho no singular, apenas para simplificar a escrita.

¹⁴ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/05/interna_politica.861450/malafaia-e-r-r-soares-encontram-bolsonaro-e-oram-pelo-stf-e-o-congre.shtml Acesso em: 1 jun. 2023.

Senhor será feita. [...] Que Deus dê sabedoria e discernimento ao nosso povo brasileiro, para que não entregue o nosso País, a nação tão amada por Deus, na mão dos nossos inimigos. (Mendes; Sandy; Lago; Lippelt, 2022, s.p.).

Assim, mesclam-se, na comunicação bolsonarista, a teologia do domínio (teologia que entende o mundo em uma guerra do bem contra o mal) com estratégias de engajamento das redes sociais, usando o impacto, a revolta e o medo como motores de compartilhamento e de adesão ao bolsonarismo. Desse modo, nota-se a profunda afinidade entre as características dessa comunicação político-religiosa com as possibilidades ofertadas pelas plataformas de mídias sociais no que respeita à proliferação de discursos populistas, baseados em tons emocionais e disruptivos, que jogam com as crenças das pessoas, na linha do que a literatura sobre populismo e mídias digitais tem apontado (Mazzoleni; Bracciale, 2018). No bolsonarismo, a guerra contra o mal é vendida por meio de formulações discursivas imersas numa gramática de desumanização do outro, como no trecho de um discurso de Bolsonaro, de janeiro de 2020.

Abra a mente daqueles que estão do lado da esquerda. Essa maldita esquerda que não deu certo em nenhum lugar do mundo e alguns tentam fazer com que eles voltem ao poder. Agradeço a Deus pelo milagre da eleição. A responsabilidade de todos vocês é enorme. Não dê chance para essa esquerda. *Eles não merecem ser tratados como pessoas normais*, como se quisessem o bem do Brasil, isso é mentira. (Bolsonaro..., 2020, grifo nosso).

Nessa perigosa sugestão, lê-se que os outros — a esquerda — não seriam pessoas, mas, simplesmente, inimigos a enfrentar. Não há civis na guerra santa declarada pelo bolsonarismo, e o outro (o progressista, a pessoa de esquerda, ou apenas o não-bolsonarista) apresenta-se como a personificação do mal, seres corruptos e bandidos, como explicita, ainda, a fala do Deputado Federal e filho de Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro (PL), sobre os professores.

Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída (Eduardo..., 2023).

Como se nota, estamos diante de uma adjetivação perigosa, já que existe uma recorrente fala, entre grupos bolsonaristas, de que *bandido bom é bandido morto*. Na internet, é possível

localizar falas de vários religiosos bolsonaristas, de diferentes religiões, reafirmando a imagem do inimigo político como um ser demoníaco ou mais próximo do mal, o entendimento da disputa política como uma guerra espiritual. Um exemplo é a fala de Renato Cardoso, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), feita no programa *Entrelinhas*, com o título *Pode um verdadeiro cristão ser de esquerda?*

A esquerda na Bíblia está sempre associada ao mal. Coincidentemente ou não, você encontra, que muitas vezes, especialmente o próprio senhor Jesus atribuía à esquerda, ao lado esquerdo, os que estavam à sua esquerda, ele atribui a essas pessoas, aquelas que escolheram o mal, praticaram o mal e decidiram seguir o mal, então, eu não creio que isso é coincidência (Cardoso, 2020, transcrição nossa).

Nesse tipo de comunicação político-religiosa são evidentes as constantes referências a um perigo iminente, a um mal demoníaco que ameaça a todos, ao perigo que atingiria as famílias, principalmente as crianças, como um tipo de disseminação de pânico e um chamado à guerra, a uma *guerra santa*. Por isso é que temos argumentado ser impossível desconsiderar a conexão entre as convocações da extrema direita e os atos de 8 de janeiro de 2023.

3 Oração de terrorista¹⁵

Dentro dos palácios, durante os atos de terror, muitos grupos filmaram-se em pequenas celebrações religiosas e na consagração de espaços antes pretensamente laicos. Entre as muitas imagens que circularam nas redes sobre o que alguns chamaram de *Capitólio brasileiro*, um vídeo, primeiramente publicado no canal da *Igreja Primitiva*¹⁶ no Youtube — material que fora criticado pelos fiéis nos comentários — mostrava um grupo de mulheres orando fervorosamente em uma sala de um dos palácios. Elas estavam vestidas como se estivessem em uma festiva partida de copa do mundo, trajadas em áureo e verde, rostos pintados com a figura da bandeira. Essa que opera na cena como um actante que também lhes abraçava os corpos como flâmula, fazendo da pequena sala o *locus* de uma celebração religiosa. Como podemos constatar na Figura 4, duas das mulheres são filmadas de joelhos no chão, braços erguidos aos céus; ao fundo, outra

¹⁵ Nos permitimos usar o termo *terrorista* para denominar os participantes da intentona, aludindo a fala do ministro do supremo Alexandre de Moraes, durante a cerimônia de posse do diretor-geral da Polícia Federal (PF) em 2023, que está contido no vídeo do canal Meteoro Brasil, que é analisado neste trabalho.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWqKWoxsgQA>. Acesso em: 10 jun. 2023.

senhora andava pela sala com uma bíblia aberta nas mãos, todas em uma prece particular, típica das igrejas evangélicas. Fora do quadro da imagem, ouvia-se também uma voz masculina, que tomava a sala, recitando o Salmo 91:2: *Direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.*

Figura 4 – Mulheres fazem oração durante a invasão

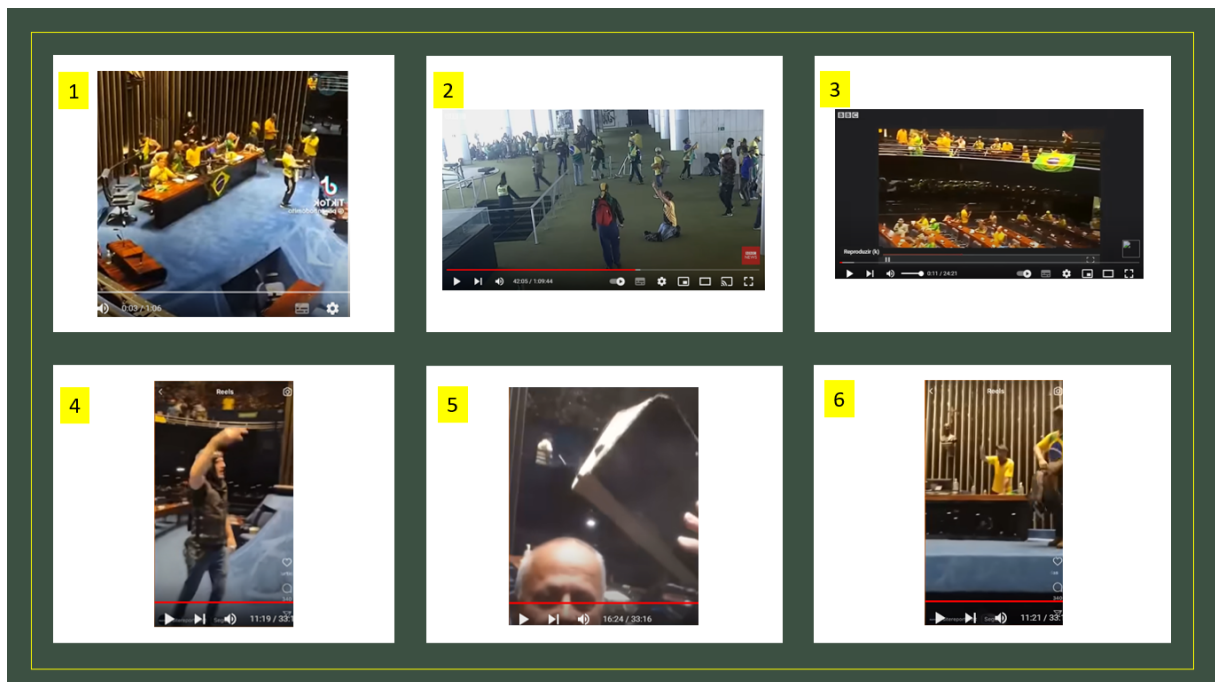


Fonte: Retirado de vídeo coletado¹⁷.

Em outros três vídeos, todos exibidos no canal de *Dois Dedos de Teologia*¹⁸, cujos frames compõem a Figura 5, observamos imagens de um Congresso Nacional tomado pelos bolsonaristas. Nota-se um curioso arranjo, que se repetia com frequência, em várias imagens: uma multidão de verde e amarelo, de pessoas alegres, que celebram algo em nome de Deus. Um conjunto que parecia espelhar ou continuar o mundo em que toda aquela ação fora gestada, numa composição entre religião e nacionalismo midiaticizada pelos celulares que amplificavam a comunicação bolsonarista nas redes.

Figura 5 - A intentona e o actante Deus no bolsonarismo

¹⁷ Nota: Imagem capturada do canal *A Igreja Primitiva*, retirada do vídeo *Evangélicos bolsonaristas cantam e oram durante a invasão do Congresso Nacional*.



Fonte: Elaboração própria¹⁹.

Na primeira imagem da Figura 5, entre as cadeiras do plenário, um homem gritava: “*É igual a Moisés, que libertou o povo do Egito! O povo do Brasil vai libertar, o povo do Brasil!*” Na mesma imagem, outro homem falava de forma serena e explicativa: *Agora, o Senado é a igreja. Até a intervenção militar, a intervenção divina já chegou. Agora é a militar.* Ao fundo, muitas vozes também pareciam falar sobre o momento, mas o seu conteúdo se mostrou inaudível. Em outro vídeo, um invasor grava a si próprio, fala da eficácia do coquetel contra o gás lacrimogênio das forças de segurança do Congresso e da sua necessidade de ajuda para voltar para casa. Ao fundo, um homem grita: *o Brasil agora é do Senhor Jesus!* Outra pessoa, também uma voz masculina, grita em resposta: *É tudo dele!* Novamente, o primeiro homem grita: *O Brasil agora é do Senhor Jesus!*, e continua, fervoroso: *O Senado é a nossa igreja, o Senado é a igreja do povo de Deus. Se você é cristão, vem pro Senado. A mesa está para os pastores, aqui ó [...] O Senado é nosso. O Senado é nosso. É da igreja do Senhor Jesus*²⁰.

¹⁹ Elaboração própria, com base nos vídeos coletados. A figura é composta por seis imagens: Imagem 1 - Cantos e louvores na mesa do senado – vídeo: Evangélicos bolsonaristas cantam e oram durante a invasão do Congresso Nacional - Canal A Igreja primitiva. Imagem 2- Pessoas orando durante a intentona - captura do vídeo, Documentário BBC | 8 de Janeiro: o dia que abalou o Brasil da BBC NEWS BRASIL. Imagem 3 - Cantos e louvores nas galerias do senado – vídeo: Brasil Partido: Pastores bolsonaristas mobilizam fiéis com supostas profecias e revelações divinas - BBC NEWS BRASIL. Imagens 4, 5 e 6 – homens pregando no senado 2 - recortada do vídeo, O cristianismo deturpado dos atos violentos de Brasília, Canal: dois dedos de teologia.

²⁰ Transcrição nossa, feita com ajuda de aplicativo de acessibilidade.

No terceiro vídeo, um senhor fala diretamente para o celular: *E aí gente? Tô [sic] no Senado Federal, aqui, ó, missionário, servo do Deus vivo. O eterno todo poderoso.* Erguendo a bíblia, ele continua:

Tá muito gás [...] Tive que lavar meus olhos, tomar um banho aqui, lavar minha cabeça, mas graças a Deus, tudo isto para honra e a Glória do Senhor Deus, Jeová, Javé, O Eterno Todo-Poderoso. É isso aí [...] Jair[...] Messias [...] Bolsonaro! Você vai tá [sic] voltando pra essa nação e continuar o seu governo. Porque as trevas tiveram que bater em retirada. Para saber que o Senhor é Deus. Que só o Senhor é Deus. Toda obra da macumbaria, da feitiçaria, caiu por Terra, em nome do Senhor Jesus. Deus abençoe você aí, meu irmão. Aleluia (Um senhor..., 2023)²¹.

Entre tantos outros vídeos publicados pelo canal *Dois Dedos de Teologia*, as imagens se repetiam com cenas de fé misturadas ao vandalismo. Entre orações, vídeos com cânticos religiosos nas galerias do Congresso, que rodaram pela internet e ilustraram matérias de canais como *Meteoro Brasil* e *BBC News Brasil*, ficou claro o entrelaçamento político-religioso como um pilar da comunicação bolsonarista. Mais do que uma simples aliança, para os arranjos populistas da extrema direita no Brasil, a religião é um meio, uma rede que sustenta e transporta os fluxos comunicacionais e as mediações, permitindo o alcance de distintos grupos religiosos.

4 A comunicação bolsonarista e a quimera do sagrado

Para o filósofo Bruno Latour, o exercício da política se dá em um círculo que compreende duas etapas. A primeira visa transformar *muitos* em *um* — aí estamos no domínio da representação; já a segunda etapa volta a transformar o *um* em *muitos* — eis aí o exercício do poder. Porém, já em 2008, no texto *Se falássemos um pouco sobre política?* Latour alerta para um crescente desinteresse sobre a política da época. Para o autor, esse desinteresse seria parte de uma crise da representação, em que o falar político e suas representações clássicas estariam se afastando das massas, tornando-se ora incompreensíveis para o grande público, ora entendidos como um emaranhado de mentiras e corrupção (Latour, 2008). Algo que parece ser coerente com o discurso de tantos *outsiders* que se alçaram à política, nos últimos anos, para negá-la aos olhos do eleitorado e corroer, a partir de dentro, a linguagem da democracia. No caso do bolsonarismo e de outros movimentos que albergam a extrema direita pelo mundo, tais

²¹ Transcrição nossa, feita com ajuda de aplicativo de acessibilidade.

lideranças antissistema e anti-institucionais, em sua maioria de viés populista, apelam ao uso da religião justamente para fazer política, tratando-o como uma prática a ser compreendida como questão própria da moral religiosa.

Para Giuliano da Empoli, autor do livro *Os engenheiros do Caos* (2019), a estratégia comunicacional da extrema direita contemporânea — ou o que o autor chama de nacional-populismo — consiste em inflamar as paixões, cultivar ódios e promover a cólera em grupos de pessoas revoltadas e/ou ressentidas. Com isso, o populismo de extrema direita consegue capturar votos entre os insatisfeitos, revoltados e furiosos, os quais são cada vez mais, em uma sociedade que atravessa crises diversas. São inúmeros os grupos a que liderança busca aglutinar, com pautas heterogêneas, as quais são unificadas em torno da figura do líder para a composição do significativo povo *santo e puro* que busca representar. Tal movimento de composição das equivalências configuradores do *povo* populista foi já discutida pelo teórico argentino Ernesto Laclau (2005), para quem o populismo opera como um modo de construção da política.

Para Empoli (2019), que considera o papel fundamental das plataformas de mídias sociais no debate sobre o extremismo dos tempos atuais, os engenheiros do caos utilizam-se de algoritmos e da linguagem da internet para potencializar a estratégia populista de difusão da imagem da guerra do *povo* contra as *elites*. São normalmente representadas como um grupo poderoso e obscuro, visto também pelas *lentes* de teorias da conspiração.

No caso do Brasil, um país religioso, de maioria cristã, cujo regime de enunciação é fortemente atravessado pelo imaginário e por dogmas do cristianismo, a comunicação da extrema direita achou o caminho próspero a que temos aludido nesta reflexão: a dualidade da luta do *nós* contra *eles* potencializada por uma perspectiva cívico-religiosa que reconfigura a tal dualidade em uma luta do *bem* contra o *mal*. Entre os grupos evangélicos, fundamentais para o sucesso eleitoral e a capilaridade do bolsonarismo na sociedade, anuncia-se a teologia do domínio, um dos pilares da religiosidade neopentecostal, para a qual existe uma guerra santa no centro da política nacional, diante da qual os cristãos devem se posicionar em único lado possível, o do bem, constantemente apresentado como aquele do líder extremista.

Com efeito, a teologia do domínio é uma doutrina que enxerga o mundo em uma constante batalha espiritual. Uma guerra entre o bem e o mal pelo domínio da terra, em que os evangélicos têm a missão sagrada de salvar o mundo (Dip, 2018). Essa é uma das pontes

comunicacionais que permitem alianças e atravessamentos entre o regime de enunciação neopentecostal e o modelo de propaganda bolsonarista. Trata-se, pois, do uso da guerra santa como actante político-religioso, o uso do poder universal que vem de um Deus, senhor de exércitos, na batalha contra o mal. Desse modo, podemos entender esse actante de poder religioso presente no bolsonarismo, apesar de toda a sua heterogeneidade, como tradução ultradireitista, forjada a partir da captura de elementos da religiosidade cristã. Em outras palavras, um actante que se move nas redes digitais, fluido e adaptável, existindo, muitas vezes, como uma quimera de concepções do poder sagrado, do conservadorismo e do medo.

Nesse contexto comunicacional, o *Deus* do bolsonarismo performa, uno e plural, ao sabor dos algoritmos e das alianças eclesiais, unindo, sobre a bandeira da extrema direita, integrantes de diferentes grupos religiosos que se entendem conservadores: católicos, judeus, espíritas, protestantes e uma enorme gama de diferentes grupos evangélicos. Religiosos e *desigrejados* são aglutinados em torno do projeto extremista e de um ator que cria sonhos e nutre pesadelos populares, um actante na luta pelo bem.

Nossa argumentação não deseja menosprezar o método dos membros e seguidores da extrema direita; ao contrário, chama a atenção para a sua eficácia e para os seus perigos à convivência democrática nos tempos atuais. É certo que o contemporâneo passa por uma extensa crise de representação (Latour, 2008) e que os signos nunca foram estáticos (Latour, 2004b), muito menos no atual cenário de intensificação do digital, que torna os fluxos cada vez mais maleáveis. Isso constitui uma vantagem estratégica para comunicação de qualquer grupo, mas tem sido sobretudo bem apropriado por grupos extremistas que se nutrem de transformações ocorridas nos ecossistemas comunicacionais. Como mostra abaixo trecho de entrevista dada pelo filósofo Bruno Latour ao Jornal *El País*:

As pessoas se queixam das fake news e da pós-verdade, mas isso não significa que sejamos menos capazes de raciocinar. Para conseguir manter um respeito pelos meios de comunicação, a ciência, as instituições, a autoridade, deve haver um mundo compartilhado. [...] Para que os fatos científicos sejam aceitos, é preciso um mundo de instituições respeitadas. Por exemplo, sobre as vacinas, se diz: “Estas pessoas ficaram loucas, estão contra as vacinas.” Mas não é um problema cognitivo, de informação. Os que são contra não serão convencidos com um novo artigo na revista *The Lancet*. Essas pessoas dizem: “É este mundo contra este outro mundo, e tudo o que se diz no mundo de vocês é falso”. [...] É preciso sustentar os fatos, não vivem sozinhos. Um fato é só um cordeiro frente

aos lobos. [...] Um fato deve estar instalado numa paisagem, sustentado pelos costumes de pensamento [...] (Latour, 2019, s.p.).

Os regimes de enunciação dentro do espaço religioso costumam ser pautados pela fé, por dogmas, tradições e afetos, e não por fatos científicos. O que é real ou não, por vezes, é um pacto na comunidade, entendido como um *ato de fé*. O que talvez faça da construção de argumentos baseados na percepção do real algo mais aceitável para tais grupos, muitos deles, evangélicos conservadores. É preciso deixar claro, assim, que real ou imaginário são fluidos e móveis; performam de acordo com a rede em que se apresentam, dentro e fora de grupos religiosos. Porém, em regimes de enunciação muito atravessados pela percepção, como no bolsonarismo, essa mobilidade do signo performa de forma muito peculiar. O inimigo, como o esquerdismo ou o comunismo, são signos vazios, mas que estão prontos para serem habitados por qualquer pesadelo, podendo, assim, atingir a grupos muito diversos.

Logo, a guerra do bem contra o mal não é uma guerra de fatos e argumentos. Trata-se de uma batalha de afetações, de *aisthesis*, que usa a religião como meio para a difusão de uma mensagem política. Diz respeito, portanto, a fluxos informacionais e de transformação (Latour, 2004b) que encontram um caminho estável junto aos modos de fala do discurso religioso. Por isso é que, na intentona bolsonarista de 8 de janeiro, após os atos de depredação e vandalismo, os bolsonaristas presos declararam, em seus depoimentos, estarem em uma *missão santa, divina e patriótica*. O próprio Bolsonaro, ao tentar negar que o 8 de janeiro fizesse parte de uma tentativa de golpe, declarou: *ninguém vai dar golpe com senhorinhas com bandeira do Brasil nas costas e a bíblia debaixo do braço*. Declaração que consegue ressaltar, ainda mais, o importante papel da religiosidade no ato e do próprio movimento.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos entender os atos antidemocráticos que culminaram na intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 como um processo estimulado pela comunicação de extrema direita do bolsonarismo, gestada a partir de uma rede de negacionismos, teorias da conspiração e discursos de ódio, misturados a uma retórica pretensamente nacionalista e ultrarreligiosa. Inspirados pela teoria-ator rede, da obra de Latour (2004a), e pelos estudos da tecnoestética de Simondon ([1954] 1992), nosso argumento principal foi que a comunicação

político-religiosa do bolsonarismo se soma a pautas conservadoras, reacionárias e até de índole fascista, atuando num elástico fluxo comunicacional (Latour, 2004a) que permite conexões e convergências entre o movimento extremista brasileiro e os grupos religiosos que o apoiam.

Não queremos com isso afirmar que a religiosidade foi o foco da intentona golpista, mas assumimos como inegável o atravessamento dos acontecimentos por uma comunicação político-religiosa que estimulou os atos e conferiu sentido para os seus participantes. A certeza de que estariam destruindo o mal, ou tomando posse de um território de Deus, atravessa todo o arranjo sociomaterial daquele dia trágico da história brasileira. São arranjos, mediações entre humanos e não-humanos, que, para as pessoas cujas ações aparecem nas imagens aqui analisadas, legitimam os atos de violência, propagandeada e naturalizada durante anos, na comunicação bolsonarista. Isso fez com que as próprias pessoas se filmassem com orgulho no cometimento dos atos de vandalismo, oferecendo o flagrante às autoridades judiciais.

Mais do que mesclar-se a falas religiosas, aqueles que se entendiam como homens e mulheres de bem e de fé performaram, no 8 de janeiro de 2023, como se estivessem no universo do bom fiel, no estado cristão dos guerreiros ungidos por Deus. São eles os constituintes do povo bom e puro, as ovelhas que o líder diz representar e proteger frente àqueles que figuram como inimigos a serem derrotados. Essa articulação discursiva está presente em muitos dos discursos e das imagens que circularam na internet, algumas das quais analisamos neste trabalho; mas são falas repetidas, também, nos púlpitos de igrejas cujos pastores apoiaram e apoiam Bolsonaro.

Destacamos, ainda, que parte das imagens aqui analisadas, mesmo as retiradas de canais jornalísticos, foram capturadas, em sua maioria, pelos próprios bolsonaristas, que as compartilharam nas redes. Tais imagens expõem um conjunto sociomaterial que une fé, política, celulares, câmeras, redes sociais e uma multidão em rota de colisão com inscrições da democracia liberal. Um somatório de imagens que Latour (2008) denominaria de *cascata de imagens*, ou seja, uma sucessão de imagens, oriundas do mesmo ponto, de uma mesma pergunta, do mesmo fenômeno, que se unem e se cruzam, fazendo com que a atenção não se limite a uma única imagem, mas ao conjunto. Com uma imagem após a outra, cria-se um fluxo, um movimento que narra uma história. Tal conjunção é capaz de desenhar um acontecimento em mosaico, um quadro dinâmico que mostrou o envolvimento e o uso de uma comunicação político-religiosa

composta por actantes que buscaram justificar a intentona do 8 de janeiro. Uma gama de atuações que permitem vislumbrar redes sociomateriais, suas agências e mediações.

Em suma, os arranjos sociomateriais e político-religiosos da propaganda bolsonarista, identificados e analisados neste texto, garantem a configuração de uma rede que dissemina a crença na existência de uma batalha espiritual liderada pelo Messias. Assim, a performance é tão radicalizada que consegue reelaborar até elementos de amor e compaixão dos discursos religiosos, em face da exaltação do *cristão*, que, em nome de Deus, age como um herói ultranacionalista em guerra contra o mal. Na comunicação político-religiosa que serve ao bolsonarismo, eis aí a face de Deus. Cabe aos seguidores se posicionarem ao lado direito, à destra do Altíssimo, contra os comunistas e as esquerdas, os quais seriam a própria encarnação do mal.

Referências

8 de janeiro: O que se sabe sobre os ataques golpistas em Brasília após um mês da invasão. *Estadão* [online], São Paulo, 8 fev.2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de; PRIOR, Hélder. Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. *Journalism Practice*, v. 15, n. 2, 2020, p. 226-242. doi:10.1080/17512786.2019.1709881.

BARBOSA, Saionara Aparecida. Mapeando as controvérsias que envolvem o processo de medicalização da infância. 2019. *Psicologia & Sociedade*, n. 31, e213211. ISSN 1807-0310. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/TFpKcDxxBQwzxYmytCVJBzt/?lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Bolsonaro sobre a esquerda: 'Não merecem ser tratados como pessoas normais'. *Correio Brasiliense* [online], Brasília, 16 jan. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/01/16/interna_politica,820909/bolsonaro-sobre-a-esquerda-nao-merecem-ser-tratados-como-pessoas-nor.shtml. Acesso em: 20 jun. 2023.

BORGES, Laís. Estudo mostra que uso de fake news cresce no 2º turno; 'desinformação está mais complexa e sofisticada', diz pesquisadora. *GloboNews* [online], Rio de Janeiro, 25 out.2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CARDOSO, Cristina; CARDOSO, Renato, 2020. Pode um verdadeiro cristão ser de esquerda? 1 vídeo [90 min.]. Publicado pelo canal *Entrelinhas* (Universal). Disponível: https://www.facebook.com/RenatoCardosoOficial/videos/entrelinhas-07062020-pode-um-cristao-ser-de-esquerda/276401770221649/?locale=pt_BR Acesso em: 7 jun. 2020.

COELHO, Ana Paula Pereira; AZAMBUJA, Patrícia. Ações, Rastros e Controvérsias Online/ Offline: possibilidades metodológicas a partir da Teoria Ator rede. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* Rio de Janeiro v. 15 n. 4 p. 1201-1223, 2015. ISSN 1808-4281. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/20254/14620>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COSTA, Ana Clara. A teia do golpe de 8 de janeiro. *Revista Piaui* [folha.uol], 1 jun.2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/teia-do-golpe/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Brazil Above Everything. God Above Everyone.” Political-Religious Fundamentalist Expressions in Digital Media in Times of Ultra-Right Populism in Brazil. *International Journal of Communication*. (17), Institute for Religions Studies (ISER), Brazil, 2023, p. 2841-2863.

Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala. (2023). *CNN* [online], 10 jul.2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-compara-professores-a-trafficantes-pf-deve-analisar-fala/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. 1. ed. Trad. Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

Evangélicos bolsonaristas cantam e oram durante a invasão do Congresso Nacional, 2023. 1 vídeo [1 min.]. Publicado pelo canal A Igreja Primitiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWqKWoxsgQA>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FEITOSA, César. Golpe militar evitaria comunismo, escravidão sexual e daria salvação espiritual, dizem presos no 8/1. *Folha de São Paulo* [online], 2 jul.2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-escravidao-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

FIGUEIREDO, Carolina. Cadeiras do STF danificadas por criminosos foram projetadas por sobrevivente do Holocausto. *CNN Brasil* [online], 10 jan.2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/caadeiras-do-stf-danificadas-por-criminosos-foram-projetadas-por-sobrevivente-do-holocausto/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

EX-PRESIDENTE Bolsonaro fala pela primeira vez após se tornar inelegível pelo TSE, 2023. 1 vídeo [28 min.]. Publicado pelo canal Itatiaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=670xkgnxmu>. Acesso em: em: 1 jun. 2023.

LACLAU, Ernesto. *On Populist Reason*. London/New York: Verso, 2005.

LATOUR, Bruno. *Redes que a razão desconhece*: laboratórios, bibliotecas e coleções. Porto Alegre: Tramas de Redes Sulinas, 2004a, p. 39-63.

LATOUR, Bruno. *O que é Iconoclash? Ou Há um mundo além das guerras de imagens?* Instituto de Estudos Políticos de Paris – França tradução. *Horizontes Antropológicos*. Print version ISSN 0104-7183 Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008.

LATOUR, Bruno. Se falássemos um pouco de política? *Política & Sociedade: revista de sociologia política*. Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 11-40, abr. 2004b.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador-Bauru: EDUFBAEDUSC; 2012.

LATOUR, Bruno. “O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”. [Entrevista concedida ao Marc Bassets]. *El País*. Espanã. Março, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html. Acesso em: 20 out. 2023.

MAZZOLENI, Gianpietro; BRACCIALE, Roberta. Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. *Palgrave communications*. v. 4, n. 50, 2018, p. 1-10.

MELO, Patrícia Campos; SOPRANA, Paula, GALF, Renata. Fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022. *Folha de São Paulo* [online], 28 set.2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/fake-news-sobre-urnas-pesquisas-e-tse-dominam-eleicao-de-2022.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MENDES, Sandy; LAGO, Rudolfo; LIPPELT, Vanessa. Teologia do domínio: entenda o que é e o papel de Michelle na campanha. *Congresso em Foco* [online], 31 ago.2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/teologia-do-dominio-entenda-o-que-e-o-papel-de-michelle-na-campanha/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. Como ocorreu o ataque aos três poderes, 2023. 1 vídeo [20 min.]. Publicado pelo canal *Meteoro Brasil*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8towK35Akiw&t=231s>. Acesso em: 10 jan. 2024.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. Em ensaio, docente analisa o 8 de janeiro a partir da ótica antirracista. *Universidade Federal do Sul da Bahia* [online], 14 jul.2023. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ufsb-ciencia/4173-em-ensaio-docente-analisa-o-8-de-janeiro-a-partir-da-otica-anti-racista>. Acesso em: 10 jan. 2024.

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz Fernando (2022). Como a desinformação sobre urnas abasteceu a artilharia de Bolsonaro contra o sistema eleitoral. *Aos Fatos* [online], 13 jul.2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qrvK2>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Richard. Percepções antirracistas sobre os atos antidemocráticos de 2023 no Brasil. *Journal of Latin American Communication Research*, v11i1p.49-60. Disponível em: <https://doi.org/10.55738/journal>.

SIMONDON, Gilbert. *Sobre a tecnoestética: carta a Jacques Derrida*. Trad. Stella Senra. Paris: Les Papiers du Collège International de Philosophie, n. 12, p. 253-266, [1954] 1992.

Andréa Chagas - Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutora e mestra em Estudos em Cultura Contemporânea, UFMT. Graduação em Publicidade e Propaganda, Universidade Federal Fluminense (UFF). Integra o Midiáticos - Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia

E-mail: andreabasiliochagas@gmail.com

Bruno Araújo - Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT

Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília mestre e graduado em Comunicação pela Universidade de Coimbra. Líder do Midiáticos - Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia (CNPq/UFMT) e pesquisador do Observatório do Populismo do Século XXI e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais.

E-mail: brrunoaraujo@gmail.com